

NÍVEIS CONCEITUAIS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS-AM

Marcianne Souza da Silva¹
Corina Fátima Costa Vasconcelos²

RESUMO

No Brasil é comum encontrarmos crianças que ao concluírem os anos iniciais do Ensino Fundamental ainda não dominam a leitura e a escrita. Em 2017, os resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização demonstraram que mais da metade dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental apresentaram nível insuficiente em provas de leitura. Assim, esta pesquisa de iniciação científica foi realizada pelo curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Sociais Educação e Zootecnia-UFAM e objetivou identificar os níveis conceituais de alfabetização e letramento de crianças de uma escola pública de Parintins-AM, com ênfase na garantia do direito de uma aprendizagem significativa e libertadora. Esta pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida com alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. Optou-se como instrumentos de coleta de dados, a produção textual, direcionada as crianças com o tema *Bullying*. Os resultados evidenciaram que 16% dos alunos do 1º ao 2º ano estão no nível pré-silábico e silábico, 36% dos alunos estão no nível silábico-alfabético e apenas 32% estão no nível alfabético. Conclui-se, que o processo de alfabetização e letramento dos alunos do 1º e 2º ano precisa ser olhado, a partir da perspectiva da qualidade do ensino e aprendizagem, e não somente da quantidade.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Níveis de alfabetização.

INTRODUÇÃO

No Brasil a alfabetização é uma questão que deve ser amplamente discutida. É comum encontrarmos crianças que ao concluírem os anos iniciais do Ensino Fundamental ainda não dominam a leitura e a escrita. Em 2017, os resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) mostraram que mais da metade dos alunos do 3º ano apresentaram nível insuficiente em provas de leitura.

De acordo com o Ministério da Educação, em 2014, o índice de alunos com nível insuficiente em leitura era de 56,17%, ficando em 54,73% em 2017, o que demonstra a estagnação na melhoria das taxas. O nível insuficiente indica que os estudantes não conseguem identificar a finalidade de um texto e localizar uma informação explícita.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas, *E-mail:* marciannessilva@gmail.com;

² Professora orientadora, Doutora em Educação, Universidade Federal do Amazonas, *E-mail:* corina.ftima@yahoo.com.br.

No que se refere à escrita, 34% estão no pior patamar, não sendo capaz de escreverem palavras de maneira alfabética, produzindo textos ilegíveis. A região Norte foi a que obteve os piores resultados de leitura, com 70,21% dos estudantes apresentando nível de insuficiência.

No Amazonas, de acordo com dados da Avaliação Nacional de Alfabetização-ANA, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa, no ano de 2017 os níveis de alfabetização dos alunos amazonenses em 2016, foram quase os mesmos registrados no ano de 2014. No ano de 2016, cerca de 67.030 alunos foram submetidos à ANA, considerando aspectos relacionados à Leitura e Matemática.

Na avaliação realizada no Amazonas, a leitura é avaliada em quatro níveis: nível 1 – básico; nível 2 – elementar; nível 3 – adequado e nível 4 – desejável, sendo que os níveis 1 e 2 são considerados insuficientes e os níveis 3 e 4 suficientes. Relacionado a escrita, têm-se cinco níveis: 1, 2 e 3 considerados insuficientes e 4 e 5 considerados suficientes.

Os resultados obtidos em 2017, da rede municipal e estadual revelam que cerca de 66,5% dos alunos amazonenses obtiveram níveis insuficientes (nível 1 e 2) em Leitura e apenas 35% dos alunos estão nos níveis 3 e 4, considerados suficientes. Relacionado à escrita, as duas redes juntas totalizam 23,2% dos alunos no nível 1.

Os dados ainda revelam o desempenho do Estado em comparação à média nacional, estadual e municipal. Referente à Escrita no nível 1 (básico e insuficiente) a média nacional é de 14,5%, na rede estadual é de 13,7% enquanto que a rede municipal apresenta 26,7%, quase a mesma porcentagem da média nacional e estadual juntas.

Referente à Leitura no nível 1, o panorama se repete, a média nacional é de 21,7%, na rede estadual é de 19,2% enquanto que a média municipal chega há 35, 5% dos alunos do nível 1, mais que a porcentagem geral em relação à média nacional e estadual.

Com o objetivo de combater a estagnação dos baixos índices registrados pela ANA, o Ministério da Educação estabeleceu uma Política Nacional de Alfabetização, que trata de um conjunto de iniciativas que envolvem a Base Nacional Comum Curricular, a formação de professores, o protagonismo das redes, o Programa Nacional do Livro Didático e o Programa Mais Alfabetização. Este último tem como uma das principais ações a garantia do assistente de alfabetização ao professor em sala de aula.

Nesse cenário, o estudo se justifica por possibilitar conhecer os níveis de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental em âmbito mais local, procurando entender as causas do fracasso no processo de alfabetização, mesmo com as políticas públicas existentes que defendem a educação como direito de todos. O presente estudo se justifica

ainda por se constituir como um material de apoio para suscitar a realização de novas pesquisas sobre a temática.

Diante dos dados estatísticos que se verifica nos últimos anos sobre o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o presente estudo objetiva identificar os níveis conceituais de alfabetização e letramento das crianças de uma escola pública de Parintins, AM, com ênfase na garantia do direito de uma aprendizagem significativa e libertadora.

METODOLOGIA

Esta pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa, pois permite ao pesquisador o contato direto com os sujeitos, o ambiente e a situação pesquisada (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11). Para tanto, a pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Parintins, AM. A escola atende crianças de 6 a 11 anos, dos diversos bairros da cidade, nos turnos matutino e vespertino. Vale salientar que a presente pesquisa, foi realizada diretamente em quatro turmas do 1º ano e três turmas do 2º ano do Ensino Fundamental.

Os sujeitos da pesquisa se constituíram de cento e noventa alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, turnos matutino e vespertino com idades entre 6 e 7 anos.

Optou-se como instrumentos de coleta de dados, atividades direcionadas as crianças. As pesquisadoras deste estudo elaboraram uma atividade com o tema *Bullying*, tendo como objetivo identificar o nível de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano. Após o período de coletas de dados, deu-se início a análise de dados, primeiramente com a transcrição e tabulação, bem como organização e categorização. Os dados foram analisados considerando o referencial teórico adotado e os objetivos propostos no estudo.

DESENVOLVIMENTO

NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO: BREVES APONTAMENTOS

Emília Ferreiro e Ana Teberosky são duas importantes pesquisadoras argentinas que trazem contribuições para o processo de compreensão da Alfabetização. No ano de 1974, iniciaram uma pesquisa com crianças e concluíram que a criança mesmo ainda fora do ambiente escolar, tem hipóteses sobre o código escrito, assim passa por estágios até a aquisição da leitura e escrita (MENDONÇA, 2008).

Partindo disso, Mendonça (2008) explica que as criança se desenvolvem imersas em sistemas simbólicos e que procuram compreender a natureza dessas marcas, assim esse processo de aquisição da escrita se dá de maneira construtiva (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Os postulados de Ferreiro e Teberosky sobre alfabetização nos permite compreender que se trata de um processo contínuo, onde a criança cria hipóteses gráficas para representar seu próprio nome, ou o nome dos objetos, como todas as outras coisas que fazem parte de seu meio social. Diante disso, os resultados obtidos por Ferreiro e Teberosky, o processo de aquisição da língua, ocorre a partir da existência de quatro níveis distintos: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

No nível pré-silábico, a criança faz suas representações da escrita, por meio de desenhos circulares ou verticais, as conhecidas garatujas. Estes desenhos que para as crianças representam as letras das palavras, também têm relação com os conhecimentos prévios que a criança tem sobre uma pessoa ou objeto, “[...] a criança espera que a escrita dos nomes de pessoas seja proporcional ao tamanho (ou idade) dessa pessoa e não ao comprimento correspondente” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 194).

No nível seguinte, chamado de silábico, a criança começa a compreender que os desenhos não representam as letras das palavras, mas a coisa em si. Ainda no nível anterior, a criança toma consciência de que os nomes das coisas devem ser representados por letras que formam sílabas e palavras. No nível silábico, a criança começa a entender que uma palavra possui uma quantidade de letras, mas sem valor sonoro, pois, entende que existe apenas uma letra para cada sílaba, e faz isso a sua própria maneira.

Já no nível silábico-alfabético, a criança passa por um processo de transição entre compreender que uma sílaba é formada por mais de uma letra. Nesse nível, a criança começa a escrever com maior correspondência, ainda que as vezes, “engula” algumas letras ao escrever, trata-se de um processo de adaptação contínuo, até que se aproprie efetivamente do código linguístico, nesse nível a criança passa pela hipótese silábica, que se trata de “[...] uma construção original da criança não pode ser atribuída a uma transmissão por parte do adulto” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 213).

O grande problema evidenciado nesse nível relaciona-se com o conflito com a quantidade de letras a serem escritas em uma única palavra. Muitas vezes, as crianças usam apenas uma letra para representar uma sílaba devido o som que elas possuem, que é o que ocorre com a palavra “CEBOLA”, por exemplo. É comum as crianças escreverem “CBOLA”, por causa do som que a letra “C”, possui.

No último nível, chamado alfabético, a criança já compreende a relação entre a palavra escrita e sua quantidade de letras, mesmo que algumas sílabas tenham som de apenas uma letra. A criança é capaz de entender e diferenciar vogais e consoantes, que a linguagem escrita é a representação da linguagem oral, sem mais a existência de conflito sobre a quantidade de

letras que se deve utilizar. Mendonça (2008) é crítico ao afirmar que depois de já alfabetizadas, devem entender que nem sempre o jeito que se fala é o mesmo jeito que se escreve.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS DA ESCOLA PESQUISADA

Este tópico tem como objetivo identificar os níveis conceituais de alfabetização e letramento das crianças de uma escola pública de Parintins, AM. Para tanto, aplicou-se uma atividade de produção textual com o tema *Bullying* para sete turmas, sendo quatro turmas no turno matutino e três turmas no turno vespertino.

Destaca-se que a intenção era realizar a atividade com todos os alunos do 1º e 2º ano, totalizando duzentos e quarenta e cinco devidamente matriculados na escola, mas nos dias de aplicação dos instrumentos de coleta de dados, cinquenta e cinco alunos não estavam presentes em sala de aula. Diante disso, a pesquisa foi realizada com cento e noventa alunos, sendo cento e onze do 1º ano e setenta e nove do 2º ano.

Com o objetivo de identificar os níveis de alfabetização das crianças do 1º e 2º foi elaborada uma atividade de produção textual com o tema *bullying*. Inicialmente o tema foi explorado por meio da exibição de um vídeo e de uma conversa informal. Em seguida foi realizada pelas pesquisadoras a exposição oral sobre os conceitos e tipos de *bullying*, bem como as consequências e as práticas de enfrentamento, com auxílio de slide. Após a exposição oral do tema, os alunos realizaram uma produção textual com o título “O *bullying* não é brincadeira”. Destaca-se ainda que os alunos realizaram as atividades no tempo proposto.

A produção de texto foi utilizada para identificar os níveis de alfabetização dos alunos. A seguir expõem-se os resultados dos níveis de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano, de acordo com os postulados da Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

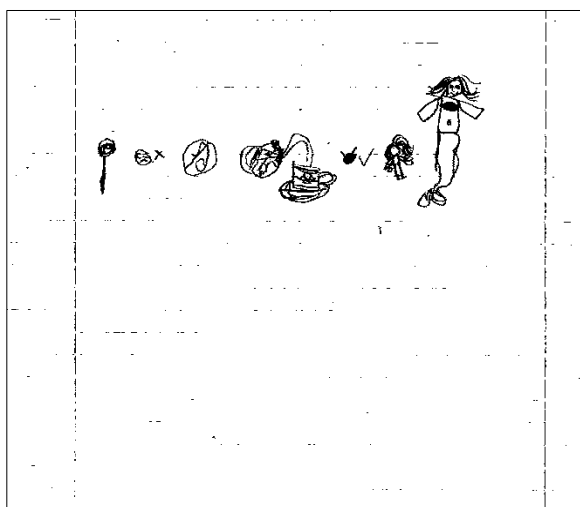
Constatou-se na pesquisa que 30 crianças estão no nível pré-silábico, sendo 60% do 1º ano e 40% do 2º ano. Nesse nível as crianças fazem apenas desenhos, as conhecidas garatujas, para representar as palavras. As representações se dão por meio de traços e círculos irregulares e também tem relação proporcional com o que a criança deseja representar, de acordo com as figuras 1 e 2 a seguir:

Figura 1: Produção Textual João (6 anos, 1º ano)



Fonte: pesquisa de campo, 2019

Figura 2: Produção Textual Maria (7 anos, 2º ano)



Fonte: pesquisa de campo, 2019

Ferreiro e Teberosky (1999), explicam que nesse nível escrever é reproduzir traços próprios da escrita em que a criança identifica como a forma básica da mesma, assim se a forma básica é a letra de imprensa, haverá a presença de grafismos separados, compostos por linhas curvas, mas se a forma básica for à cursiva, teremos grafismos ligados por uma linha ondulada entendida como base.

Nas figuras acima, evidenciam-se a presença de traços irregulares e ondulados. As crianças entendem que as letras são representações gráficas, que os desenhos representam as palavras no nível pré-silábico, bem como aquilo que compreenderam sobre o tema. Mendonça (2008) explica que o avanço nesse nível ocorre, quando as crianças percebem que os desenhos não representam as letras das palavras.

Na escrita de João (6 anos, 1º ano), verifica-se um processo de transição, pois é possível verificar a presença de aspectos tanto da escrita de imprensa, com traços separados, quanto da escrita cursiva, com ondulações que se ligam. Na escrita de Maria (7 anos, 2º ano), percebemos somente grafismos próprios da escrita cursiva, linhas onduladas e ligadas.

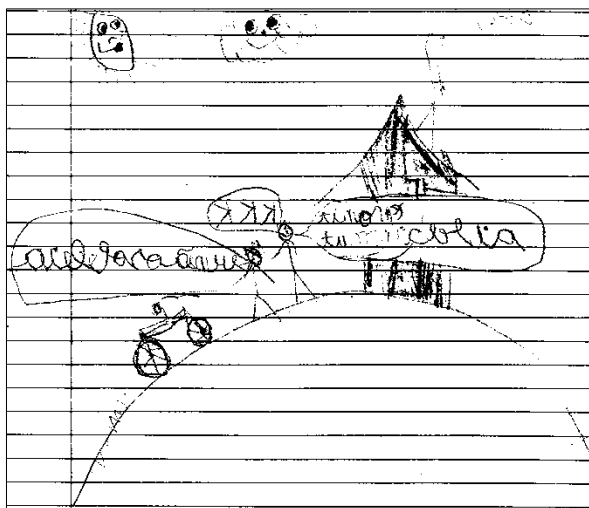
Ressalta-se ainda a partir da escrita do nome, as crianças percebem que os desenhos são diferentes das letras, que seus grafismos não representam as letras do próprio nome. A partir do aprendizado do próprio nome, a criança começa a escrever o nome das coisas, mas muitas vezes se restringe ao uso das letras que compõem o seu nome, sem estabelecer relação com a quantidade de letras e som.

Abreu et al. (2000, p. 11), afirmam que a “[...] criança não compreende que a escrita representa a fala, o som das palavras, e não o objeto a que o nome se refere”. Assim, ao

conseguir estabelecer tais relações é que a criança entra no nível silábico, em que conhecem as letras, mas ainda tem dificuldade em juntá-las para formar sílabas e palavras ou estabelecer relação sonora.

Constatou-se na pesquisa que 31 crianças estão no nível silábico, sendo 71% do 1º ano e 29% do 2º ano. Nesse nível, as crianças já entendem que as palavras são formadas por letras e não por desenhos, mas não estabelecem relação entre a quantidade de letras necessárias para escrever determinada palavra, assim acreditam que podem usar apenas uma letra para cada sílaba ou palavra.

Figura 3: Produção Textual Eduarda (6 anos, 1º ano) Figura 4: Produção Textual Miguel (7 anos, 2º ano)



Fonte: pesquisa de campo, 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019

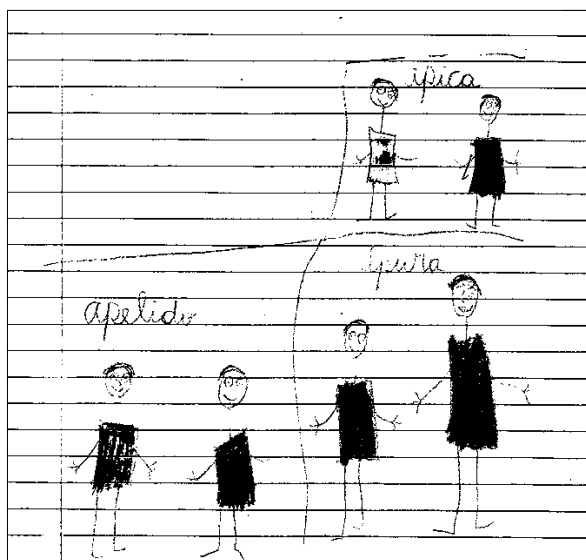
Ferreiro e Teberosky (1999), afirmam que no nível silábico, a hipótese principal é que para poder ler coisas diferentes, deve haver uma diferença objetiva nas escritas, isto é, as crianças começam a entender que as palavras são formadas por letras, mas no processo de escrevê-las, muitas vezes usam as letras a partir de combinações.

Nas escritas de Eduarda (6 anos, 1º ano) e Miguel (7 anos, 1º ano) verifica-se que conhecem as letras, mas não conseguem ordená-las corretamente para a formação das palavras. Percebe-se ainda que escrevem as palavras mesclando letras de imprensa e cursiva, maiúscula e minúscula sem separação.

Mendonça (2008) exemplifica que no nível silábico, a criança pode ou não estabelecer relação sonora. Quando sua escrita ainda não estabelece relação sonora, ao escrever a palavra “BONECA”, escreve “IOD”. Quando sua escrita estabelece relação sonora, escreve BEA. A partir desse momento, a criança começa a criar hipóteses sobre a escrita das palavras que é a principal característica do nível seguinte, o silábico-alfabético.

Verificou-se que 69 crianças estão no nível silábico-alfabético, sendo 54% do 1º ano e 46% do 2º ano. Trata-se de um nível de transição, pois as crianças estão começando a compreender que é necessário um determinado número de letras para formar sílabas e palavras. Nesse nível as crianças escrevem as palavras, mas é comum verificar que nem sempre todas as letras estão presentes nas palavras escritas, como mostram as figuras a seguir;

Figura 5: Produção Textual Cauê (6 anos, 1º ano) Figura 6: Produção Textual Tainá (7 anos, 2º ano)



Fonte: pesquisa de campo, 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019

No nível silábico-alfabético, nas escritas das crianças é evidente um processo de transição. Verifica-se na escrita de Cauê (6 anos, 1º ano) que ele está começando a entender que as vezes é necessário mais de uma letra para formar uma sílaba e que cada uma delas tem um som.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), este nível é caracterizado pela tentativa da criança de atribuir valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Esse aspecto é perceptível nas palavras que escreve a ausência de algumas letras: “IPICA” (Implicar), “APELIDO” (Apelidar) e “IPURA” (EMPURRAR).

Destaca-se a presença da hipótese silábica que é a principal característica desse nível, pois as crianças começam a estabelecer hipóteses para a escrita das palavras, bem como a correspondência sonora. Abreu et al. (2000) afirmam que “[...] a descoberta de que a escrita representa a fala, leva a criança a formular uma hipótese ao mesmo tempo falsa e necessária.

Destaca-se ainda que neste nível além de “sucumbir” algumas letras das palavras, as crianças também suprimem algumas letras devido seu valor sonoro. Na escrita de Tainá (7 anos, 2º ano), percebe-se que ela usou a palavra “VOC”, para escrever “VOCÊ”. Isso ocorre, pois Tainá associou a sílaba “CÊ”, da palavra com o som da letra “C”. Essa característica

pode ser evidenciada na escrita da palavra “CABEÇA”, pois é comum as crianças escreverem “KBÇA”.

A partir do momento em que a criança compreende que as palavras são formadas por mais de uma letra e cada uma possui sons, ela gradativamente passa ao nível alfabético. O gráfico a seguir, expõe o quantitativo de crianças que estão no nível alfabético, que é caracterizado pela compreensão da quantidade de letras e correspondência sonora.

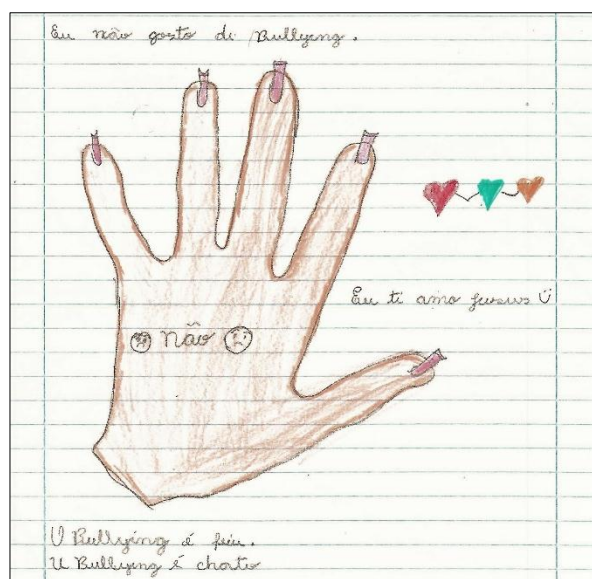
Na pesquisa, constatou-se que 60 crianças estão no nível alfabético, sendo 57% do 1º ano e 43% do 2º ano. Esse nível se caracteriza pela passagem da hipótese silábica para a hipótese alfabética. Ferreiro e Teberosky (1999), explicam que esse é o último nível de escrita, nesse momento já compreendem que cada um dos caracteres corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realizam análises sistemáticas dos fonemas das palavras que vão escrever.

Figura 7: Produção Textual Ana (6 anos, 1º ano)



Fonte: pesquisa de campo, 2019

Figura 8: Produção Textual Pedro (7 anos, 2º ano)



Fonte: pesquisa de campo, 2019

Nas escritas de Ana (6 anos, 1º ano) e Pedro (7 anos, 2º ano) verifica-se total correspondência entre a quantidade de letras e sons de cada palavra. Mendonça (2008) descreve que nesse nível, o aprendiz analisa as vogais e consoantes da palavra, acredita que as palavras escritas devem representar a fala e apresentar correspondência absoluta de letras e sons.

Destaca-se ainda que nesse nível, as escritas das crianças têm total correspondência de letra e som, mas como se verifica na escrita de Pedro, escreve de acordo com o som que ouve, por esse motivo escreve “TI”, ao invés de “TE”, “U” ao invés de “O” e “FEIU” ao invés de

“FEIO”. Nesse sentido, destaca-se que nesse nível a criança passa pelo conflito entre o modo que se fala e o modo que se escreve.

Os dados da pesquisa demonstraram que o maior número de crianças que se encontram no nível alfabético, estão matriculados no 1º ano. Destaca-se ainda que as crianças do 1º ano, apresentaram melhores resultados em relação às crianças do 2º ano, nos níveis silábico-alfabético e alfabético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o objetivo deste estudo foi possível identificar os níveis conceituais de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano, tal pesquisa evidenciou que respectivamente 16% dos alunos do 1º ao 2º ano estão no nível pré-silábico e silábico, 36% dos alunos estão no nível silábico-alfabético e apenas 32% estão no nível alfabético. Sobre esses dados, destaca-se ainda que as turmas do 1º ano do Ensino Fundamental apresentaram melhor desempenho nas atividades realizadas.

A partir dos resultados obtidos na realização desta pesquisa, foi possível compreender que o processo de alfabetização e letramento dos alunos do 1º e 2º ano precisa ser olhado, a partir da perspectiva da qualidade do ensino e aprendizagem, e não somente da quantidade. Nesse sentido, deve-se investir na formação continuada para os professores, bem como favorecer uma maior aproximação da família e da escola. O fracasso no processo de alfabetização e letramento não é apenas responsabilidade da escola ou da família (ausência dela), mas de todos aqueles que fazem parte do processo educativo em nível social, escolar, municipal, estadual e federal.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Rosa et al. **Alfabetização**: livro do professor. Brasília: Fundescola/SEF-MEC, 2000.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. (Org.) **O construtivismo no Brasil**: contribuição, equívocos e consequências para alfabetização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.